



“Eu sei que eu tenho que tomar muito cuidado com o que eu falo e com o que eu faço”¹: ser mulher e ser homem na docência da educação infantil

Tuany Cristina Carvalho²

Bettina Heerdt³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar discursos e práticas produzidas pelo/as professor/as a respeito de ser homem ou mulher atuando na educação infantil, inspirada na perspectiva foucaultiana. O texto está fundamentado principalmente em autorias que discutem as relações de gênero no espaço escolar e as limitações da docência masculina na Educação Infantil, tais como: Louro (1997, 2004), Finco (2001, 2005, 2011), Sayão (2005), entre outras. O procedimento de coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com professor e professoras atuantes na Educação Infantil da rede municipal de Ponta Grossa – PR. Após, foi realizada a análise do discurso. Considerando as análises realizadas, foi possível constatar que os discursos que circulam entre o/as professor/as a respeito de ser homem e mulher na docência da Educação Infantil são normatizadores e reforçam a ideia da docência nessa etapa da educação como atividade feminina. Nesses discursos o professor não pode realizar a higiene de crianças pequenas e precisa tomar cuidado com suas falas e ações, uma vigilância de suas próprias práticas. Há um regime de verdade imposto, de que apenas as mulheres podem atuar na Educação Infantil. Entretanto, conforme apontam outras pesquisas, a presença de professores no contexto da Educação Infantil, representa uma inversão desses discursos, pois, mesmo que ainda existam poucos homens atuando nessa etapa da educação, a presença dos professores vem crescendo e faz com que novos discursos circulem.

Palavras-chave: Educação infantil, relações de gênero, práticas discursivas, docência.

¹ A fala que integra o título deste trabalho é um fragmento do discurso do professor Bruno (a fim de manter os aspectos éticos da pesquisa, o nome utilizado para representar o professor participante é fictício) durante o momento das entrevistas para essa investigação. Posteriormente, esse discurso será melhor contextualizado no texto juntamente às análises realizadas a partir de algumas ferramentas, como: tecnologias do eu, poder e vigilância.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da rede municipal de Ponta Grossa – PR.

³ Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas. Docente adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ABSTRACT: This work aims to analyze discourses and practices produced by the teacher regarding being a man or a woman working in Kindergarten, inspired by the Foucaultian perspective. The article is based mainly on authors who discuss gender relations in the school space and the limitations of the male sexuality being a teacher in Kindergarten, such as: Louro (1997, 2004), Finco (2001, 2005, 2011), Sayão (2005), among other authors. The data collection procedure took place through semi-structured interviews with teachers working in Kindergarten at the public schools in Ponta Grossa (PR-Brazil), later on, it was analyzed the discourse of each teacher. Considering the material that was analyzed it was possible to verify that this activity is mainly occupied by females. The teachers also mentioned in their discourses that male teachers cannot carry out the hygiene of small children and it is also necessary to be careful with their speech and actions, a surveillance of their practices. There is a regime of truth, that only women can act in Kindergarten. However, as shown by other researches, the presence of male teachers in Kindergarten represents an inversion of these discourses, because, even though there are still few male teachers working on this stage of education, the presence of male teachers in Kindergarten has been growing as a consequence new discourses are being circulate.

Keywords: Kindergarten, gender relations, discursive practices, teaching.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar discursos y prácticas producidos por el docente sobre el ser hombre o mujer que trabaja en la educación infantil, inspirado en la perspectiva foucaultiana. El texto se basa principalmente en autores que discuten las relaciones de género en el espacio escolar y las limitaciones de la docencia masculina en Educación Infantil, tales como: Louro (1997, 2004), Finco (2001, 2005, 2011), Sayão (2005), entre otras. El procedimiento de recolección de datos se llevó a cabo a través de entrevistas semiestructuradas con profesores que trabajaban en el jardín de infancia público en Ponta Grossa (PR - Brasil), luego de lo cual se llevó a cabo el análisis del discurso. A partir de los análisis realizados, se pudo constatar que los discursos que circulan entre los docentes sobre ser hombre y mujer en la educación infantil son normativos y refuerzan la idea de enseñar en esta etapa de la educación como una actividad femenina. En estos discursos, el docente no puede realizar la higiene de los niños pequeños y debe tener cuidado con su discurso y acciones, monitoreando sus propias prácticas. Existe un régimen de verdad impuesto, según el cual solo las mujeres pueden actuar en el jardín de infancia. Sin embargo, como muestran otras investigaciones, la presencia de docentes en el contexto de la Educación Infantil representa una inversión de estos discursos, pues, aunque todavía son pocos los hombres que trabajan en esta etapa de la educación, la presencia de docentes ha ido creciendo y hace circular nuevos discursos.

Palabras-clave: Educación infantil, relaciones de género, rrácticas discursivas, enseñando.

Introdução

A importância de pesquisar as relações de gênero se dá pelo fato de que há emergência em se discutir as desigualdades existentes entre mulheres e homens na

sociedade, a fim de identificar tais problemáticas e apontar novos caminhos para uma sociedade mais equitativa. Por isso, se torna fundamental ampliar os estudos sobre gênero no ambiente educacional, visto que a escola faz parte de uma complexa rede de tecnologias e um sistema disciplinar pelos quais o poder opera (FOUCAULT, 1999), inclusive na primeira etapa da Educação Básica, com a finalidade de perceber os discursos enquanto práticas que sustentam os regimes de verdade e poder (FOUCAULT, 1993).

Nesse sentido, podemos perceber a partir dos estudos de gênero como se dá a organização concreta e simbólica da vida social, sendo possível compreender os discursos de poder disseminados entre os sexos, os quais buscam construir uma identidade acerca dos papéis sociais (feminino e masculino) que atam mulheres e homens em seus limites pré-determinados socialmente e biologicamente. Logo, emerge a necessidade de se discutir gênero no campo social e também, educacional, visando desconstruir padrões binários disseminados e tidos como verdade.

O estudo com foco nos discursos de um professor e cinco professoras - que corresponderam ao critério de escolha de participantes dessa pesquisa, ou seja, serem docentes atuantes da Educação Infantil (segmento pré-escola) da rede pública municipal-, em relação a gênero, possibilita uma maior compreensão a respeito de como aquele é tratado e compreendido no âmbito escolar, tendo em vista que são relações de poder, fundadas em discursos para impor regras a respeito dos sexos. Nesta pesquisa, buscamos analisar os discursos e as práticas produzidas pelo/as professor/as a respeito de ser um homem ou uma mulher atuando na Educação Infantil, nossa perspectiva metodológica se fundamenta na análise de discurso com inspiração foucaultiana (FOUCAULT, 1993; 2005).

Para tanto, o texto está estruturado da seguinte forma: primeiramente, faremos uma breve discussão a respeito das relações de gênero na Educação Infantil; posteriormente apresentaremos a organização da análise na perspectiva foucaultiana, destacando as ferramentas e *corpus* analítico e, por fim, a análise do discurso de professor e professoras a respeito de ser homem e ser mulher na docência da Educação Infantil. Cabe destacarmos que, o presente trabalho integra parte de uma pesquisa mais ampla fruto de uma dissertação⁴ apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa como requisito

⁴ Dissertação intitulada “Discursos de professor/as da Educação Infantil a respeito das relações de gênero: um olhar para os ‘cantinhos’ pedagógicos” (2021). Para mais informações, a dissertação se encontra disponível na biblioteca digital de teses e dissertações, por meio do website: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3430>.

parcial para aquisição do título de Mestre em Educação.

Cabe destacar que o interesse pelos estudos de gênero emergiu a partir da minha vivência enquanto professora da faixa etária da pré-escola (quatro e cinco anos de idade), pois em diversas situações observei e tentei discutir com as crianças questões de gênero, mesmo sem ter clareza do que era isso na época, afinal, sempre foi algo que me incomodava no âmbito social, e por acreditar no potencial da educação, abordava alguns conceitos que as crianças traziam de maneira crítica, a fim de buscar maior equidade entre meninas e meninos, mulheres e homens. Além disso, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), o interesse pela temática cresceu, pois passei a compreender e estudar juntamente à minha orientadora e ao nosso Grupo de Estudos e Pesquisa no Ensino de Ciências (GEPEC) as questões de gênero, bem como, elas me auxiliaram a me identificar e me reconhecer como feminista.

Relações de gênero: uma construção social

As concepções a respeito de gênero presentes neste trabalho tem como base Scott (1995) que o define como uma construção cultural, elemento constitutivo das relações sociais entre os sexos, que rejeita explicações biológicas, mas busca compreender a criação inteiramente social de ideias dos papéis adequados aos homens e às mulheres. Para mais, “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta” (HARAWAY, 1995, p. 221).

Louro (2002, p. 229) afirma que o conceito de gênero se constitui “relevante, útil e apropriado para as questões educacionais, pondo em xeque o caráter ‘natural’ do feminino e do masculino, o conceito indica um processo, uma ação, um investimento para ‘fazer’ um sujeito ‘de gênero’. A autora ainda acrescenta a importância de refletirmos o papel da escola na construção dessas diferenças entre os gêneros, afinal, historicamente a educação fixa lugares sociais para meninas e meninos.

Finco (2005) menciona Louro (2000) para nos alertar sobre o fato de que a escola acaba construindo essas diferenças sociais entre meninas e meninos por meio de mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização e nos chama a atenção para

que possamos estar atentas/os a esse processo, revelando que:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados – portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 2000, p 59).

Considerando isso, entendemos a relevância de se discutir essa relação entre gênero e os espaços físicos da instituição escolar, pois, como podemos perceber, a escola continua a moldar corpos e mentes, a fim de construir as identidades femininas e masculinas. Tendo em vista que a Educação Infantil se constitui como a primeira etapa da Educação Básica e possui a finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social.

De acordo com Vianna e Finco (2009), desde o nascimento, as crianças vivem cercadas por um universo de significados culturais, que por meio de diversos aspectos busca-se moldá-las para que aceitem as normas sociais que lhes são impostas e assumam os papéis a elas designados, isso ocorre por meio de vários instrumentos, seja por brinquedos, livros, atitudes, roupas, cores, palavras, discursos, entre outros.

Entretanto, podemos identificar que essas “normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres” (FINCO, 2005). A autora ainda acrescenta que, na maioria das vezes, não é percebido, porque é algo naturalizado, pois há um amplo trabalho em sua divulgação, que ocorre em diferentes segmentos sociais, seja na família, na escola, na comunidade, enfim, são construídos valores nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos.

A escola produz diferenças e desigualdades ao realizar ações distintivas entre os sujeitos que tinham ou não acesso a ela, como também, exercia essa ação no seu interior com os que a frequentavam (LOURO, 1997). A autora ainda acrescenta que a escola institui diferenças de gênero ao impor regras que evidenciam as normas sociais, por meio de gestos, movimentos, sentidos que são produzidos e incorporados por meninos e meninas. Além disso, Louro (1997, p. 58) corrobora com a afirmativa de Foucault no sentido de que a escola por meio da linguagem, não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui, produzindo e fixando diferenças, como podemos observar:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos 'fazem sentido', instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Louro (1997) indica que na escola, entre diversos espaços e instâncias em que podemos observar a instituição de distinções e desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – visto que ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas e ela nos parece, quase sempre, muito natural. Portanto, analisar os discursos que professor/as possuem a respeito de gênero na Educação Infantil torna-se algo relevante para discutir práticas pedagógicas, questionar organizações e refletir conceitos pré-concebidos.

Perspectiva foucaultiana: ferramentas e *corpus* de análise

Neste trabalho, buscamos analisar os discursos e as práticas produzidas por um professor e cinco professoras a respeito das relações de gênero na docência da Educação Infantil. Nossa perspectiva metodológica se fundamenta na análise de discurso com inspiração foucaultiana (FOUCAULT, 1993; 2005). Esse capítulo foi construído a partir de vários momentos, idas e vindas, questionamentos, reconstruções, pois, de acordo com nosso referencial teórico, torna-se imprescindível buscar novos caminhos para romper com estruturas engessadas, inclusive metodológicas.

Foucault não se preocupou em estabelecer formalidades nos procedimentos e técnicas consolidadas, seu intuito não era elaborar teorias e fornecer respostas, pelo contrário, seus escritos nos instigam constantemente a pensar de maneira diferente. Para ele, "existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir" (FOUCAULT, 1998, p. 13). A perspectiva foucaultiana nos forneceu certa liberdade, mas ao mesmo tempo, nos lançou um desafio: a construção do nosso aparato analítico, sendo este um caminho inventado, em que pudemos escolher ferramentas, criar novos olhares, buscar saídas, refazer passos sempre que necessário, enfim, realizar uma bricolagem (PARAÍSO, 2014).

Ao nos propormos analisar os discursos, foi necessário mergulhar nos estudos foucaultianos para termos clareza acerca das noções teóricas que o filósofo aponta. Uma delas é o discurso, compreendido enquanto um produtor de verdades, utilizado como dispositivo estratégico das relações de poder, enquanto prática que organiza a realidade estabelecendo hierarquias e distinções, articulando o dizível e o visível (FOUCAULT, 1993). Para o autor, a análise do discurso tem como objetivo mostrar como as práticas sociais engendram os domínios do saber que implicam em formas novas de sujeitos de conhecimento, afinal, os discursos constituem os sujeitos e objetos dos quais tratam, pois, acabam sendo inscritos em formas regulamentadas de poder e passíveis de coerções, a exemplo do espaço abordado por nós nesta pesquisa, a escola.

Portanto, torna-se relevante destacarmos a importância que a linguagem/os discursos têm no contexto da educação, principalmente na escola, pois se constituem um campo de poder. É preciso estarmos atentos/as, sobretudo, para a linguagem, buscando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui (LOURO, 1997). A autora destaca ainda a importância de desconfiarmos do que geralmente é naturalizado, referindo-se aos discursos e práticas:

nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural' (LOURO, 1997, p. 63).

Corroborando com a ideia de desconfiarmos do que é tomado como natural, Fischer (2001) faz um apontamento importante para realizar a análise dos discursos, na perspectiva de Foucault, sendo preciso recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas. Ou seja, é preciso depreender esforços para trabalhar com o próprio discurso, buscando permanecer no nível das coisas ditas, a fim dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos.

Foucault (1986), em seu livro *Arqueologia do Saber*, apresenta a seguinte consideração sobre discurso:

gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar,

por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56)

Vemos que para Foucault os discursos são práticas sociais que envolvem/produzem relações de poder em diferentes campos de saber e instâncias sociais. A partir dos discursos, são implementadas, produzidas e legitimadas dinâmicas e significados sociais, ou seja, os discursos produzem, educam e fazem com que os sujeitos entendam o que pode ou não ser feito, o que nos leva a compreender a relação intrínseca que os discursos têm com a produção de verdades, logo também com gênero.

Diante disso, percebemos que, na perspectiva foucaultiana, tudo é considerado prática, assim como, tudo está imerso na relação entre poder e saber e se implicam mutuamente, além de que, ela considera a autonomia dos discursos. Entretanto, essas são considerações que Foucault faz acerca do discurso, mas as definições para este termo são diversas, porém, optamos em ressaltar a seguinte: “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1986, p.135).

Para Foucault (1993), uma teoria é uma caixa de ferramentas, é preciso que ela sirva e funcione, e não para si mesma, é necessário que as pessoas a utilizem, caso contrário, perde seu sentido teórico, tendo em vista que, para ele, a teorização também é uma prática. Nesse sentido, reiteramos a ideia de caixa de ferramentas (BUJES, 2007; VEIGANETO, 2006), que consiste em nos apropriarmos de ferramentas teóricas que favoreçam a análise do discurso, de maneira a construí-la conforme nossos objetivos, pois, na perspectiva foucaultiana, construímos as ferramentas da análise conforme nossos olhares para os ditos dos discursos. Por isso, torna-se imprescindível que abordemos aqui algumas teorizações pertinentes à construção realizada, sendo alguns: enunciado, prática discursiva, sujeito, poder, tecnologias do eu e biopoder.

- Enunciado - os enunciados são constituintes do discurso, é a unidade elementar do discurso, não são proposições, frases ou atos de falas, mas podem acabar constituindo os mesmos, bem como, são pautados em conjunto de signos. De acordo com

Foucault (1986, p. 95) podemos encontrar enunciados sem uma estrutura legítima e até mesmo, onde não reconhecemos uma frase, é “como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado, mais onipresente também”.

- Assim, percebemos que o enunciado não é uma estrutura bem definida, mas é fundamental para verificar a existência de uma preposição, frase ou ato de fala, porém, diferentemente destes, o enunciado não é imediatamente visível nem está inteiramente oculto. Nessa perspectiva foucaultiana, tudo o que é dito ou não dito, está entrelaçado com as relações de poder e saber estabelecidas em determinado espaço e tempo, nessa pesquisa os espaços são os “cantinhos” pedagógicos de dois Centros Municipais de Educação Infantil e o tempo se refere ao recorte dos anos de 2019/2020 período em que coletamos os dados e realizamos as análises.

- Prática discursiva - não é apenas a expressão de ideias, pensamentos ou formulação de frases, mas significa falar de acordo com determinadas regras e expor as relações que se dão dentro de um discurso (FISCHER, 2001). Para mais, Foucault (1986, p. 136) salienta que prática discursiva se torna:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Uma prática discursiva para Foucault (1986) acaba tomando corpo técnicas e efeitos, em sua obra Arqueologia do Saber, ele trata os discursos como práticas, logo são práticas discursivas, que acabam se articulando com outras práticas sociais, econômicas, políticas, entre outras. Ao compreender que os discursos produzem verdades, torna-se possível entender que o sujeito também é constituído e regulado pelos discursos, sobretudo, pelas posições e diferenças que tais discursos estabelecem (CARVALHO R., 2015).

De acordo com Fischer (2001, p. 207) ao analisarmos um discurso não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos deparamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, tendo em vista que o sujeito da linguagem “[...] não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem”. Portanto, Foucault

compreende o sujeito de uma forma diferente, afastando-se da noção de individualidade e se aproximando de uma noção mais ampla, pautada na noção de dispersão do sujeito, compreendendo que este sempre fala de algum lugar, permeado de lutas, modos de existir e de se situar, ora fala, ora também é falado.

- Sujeito - emerge vinculada aos discursos, afinal, para Foucault os sujeitos são efeitos desses, ao mesmo tempo em que os sujeitos produzem saberes e discursos, são também produzidos por eles, portanto, a ideia de sujeito está ligada às relações de poder. O sujeito se constitui a partir de um “certo número de práticas, que eram os jogos de verdade, práticas de poder etc” (FOUCAULT, 1986, p. 274-275).

- Poder - para Foucault os discursos possuem uma ligação intrínseca com o poder, e para ele, o poder não está relacionado a uma instituição ou a uma pessoa, não é o mal, mas são jogos estratégicos, possuem ramificações e são capazes de transitar entre os indivíduos, pois existem e são pautados nas relações dos sujeitos livres, em que o poder produz discursos, sujeitos e resistências, afinal, poder é uma instância de resistências e lutas. Para existir o poder precisa ser aceito e isso, ocorre por meio dos discursos e de regimes de verdade, não apenas proíbe, vigia e pune, mas “de fato, circula, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso; é preciso considerá-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instância negativa que tem como função reprimir” (FOUCAULT, 2009, p.48).

- Tecnologias do eu - a inter-relação entre discurso e poder se reflete por meio das práticas discursivas que acabam operacionalizando as tecnologias do eu, essas tecnologias são compreendidas como um conjunto de operacionalizações que permite aos sujeitos efetuar (por conta própria ou com auxílio de outros) alguns procedimentos sobre si mesmos, seus corpos, seus pensamentos, suas condutas, como: ver-se, narrar-se, avaliar-se e transformar-se (FOUCAULT, 1990). De acordo com Carvalho (2015), essas tecnologias do eu acabam ocasionando uma mudança de comportamento nos sujeitos, sendo técnicas performativas de poder que são vinculadas a uma atividade de constante vigilância e adequação aos princípios vigentes na época, ou seja, são normas de comportamento fixadas pelo poder, a partir do governo de si mesmos.

Bujes (2007) ressalta que esses conceitos foucaultianos de governamentalidade e tecnologias do eu nos remetem um ao outro e se esclarecem mutuamente. A autora destaca que a noção de governo está relacionada à ação de dirigir condutas,

podendo resultar em uma ação de conduzir a conduta alheia, como também, conduzir a própria conduta, o que nos remete a ideia do exercício do poder através de alguns dispositivos.

- Biopoder - outra noção foucaultiana, a de biopoder, que nada mais é do que uma forma de governar a vida por meio da disciplina (governo dos corpos dos indivíduos), a qual se detém ao adestramento e docilidade dos corpos (FOUCAULT, 1993). Os dispositivos disciplinares são responsáveis por extrair toda força produtiva do corpo humano mediante controle de tempo e espaço no interior de instituições, como a escola. Conforme Bujes (2007) e Veiga-Neto (2006), o biopoder mesmo governando condutas, tem como alvo a população e por isso, podemos compreender que a governamentalidade está relacionada ao biopoder (biopolítica das populações).

Considerando tais aspectos, o trabalho enquanto analista, neste caso será de observar que a modificação dos enunciados implica a existência de um acúmulo, de uma memória, de um conjunto de já ditos. Assim, compreendemos que em uma sequência de discursos do presente encontraremos “vestígios” de outros discursos do passado, aspecto que se torna importante ao discutirmos acerca da escola enquanto instituição que mantém muitas práticas educativas e que produz diferenças.

Os discursos foram analisados a partir de um olhar dos ditos, para a construção do *corpus* de análise percorremos um (des)caminho investigativo, pois não tínhamos estruturas previamente postas para organizar as análises, foi necessário o exercício constante de leitura e releitura dos discursos e das práticas produzidos a respeito das relações de gênero nos espaços e tempos. Nesse sentido, a partir de nossos dados empíricos, foi necessário colocar focos de luz para ver nossos objetos, e para Foucault, a partir dessa massa de elementos, é preciso isolar alguns, colocá-los em confronto, discutir suas relações e organizá-los em conjuntos (Foucault, 1997 *apud* BUJES, 2001).

Dessa forma, organizamos os discursos a partir da identificação de ênfases, não se tratando aqui da aplicação de um sistema de categorias, mas utilizando a estratégia do efeito de saturação proposta por Veiga-Neto (1996), citado por Bujes (2001), em que nos valendo de várias passagens e fragmentos mostramos a abundância de recorrência que expressam certas noções tomadas como fundantes (enunciados) nos discursos analisados. Portanto, uma das ênfases organizadas é: ser homem e ser mulher na docência da Educação Infantil. Dessa forma, realizamos a análise inspiradas em Foucault e nos estudos

feministas, lembrando que aqui abriremos apenas uma porta para as análises, lançando alguns olhares para os discursos, pois a extensão e riqueza dos dados coletados nessa pesquisa é imensa, bem como, compreendemos que o discurso nunca estará acabado e fechado em si, sendo uma constante (des)construção.

Dessa maneira, para realizarmos as análises dos discursos de professor/as da Educação Infantil foi necessária a coleta de dados empíricos, feita por meio das entrevistas semiestruturadas com gravação de áudio, com um professor e cinco professoras (Aline, Bruno, Cláudia, Daiana e Elaine⁵), bem como, a transcrição. Entendemos a importância de abordar como foi realizado esse processo para esclarecer os percursos que trilhamos até chegar ao *corpus* de análise da pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas representaram o instrumento de coleta de dados considerando que aquelas são processos sociais que possibilitam a construção de conhecimento (GASKELL, 2003). Além disso, com a entrevista semiestruturada buscou-se saber quais discursos professor e professoras construíram durante a interação com a pesquisadora, em relação ao tema desta pesquisa. As perguntas foram realizadas com intuito de dar início a um diálogo, no qual professor/as responderiam de forma livre e extensiva, caso as respostas não fossem suficientemente ricas, alguns outros questionamentos poderiam ser realizados, como: fala mais do assunto, por que pensa dessa forma, o que quis dizer com isso, como agiu, entre outros (FLICK, 2013).

Dessa forma, foram elencadas no roteiro da entrevista trinta e sete perguntas, as quais se subdividiram em: a) questões de identificação pessoal e profissional; b) questões a respeito da temática da pesquisa – relações interpessoais; c) questões relacionadas à organização e utilização dos espaços de interesse; d) questões relacionadas à formação e percepções. Após o processo de coleta de dados, foi realizada a transcrição por meio da audição das gravações e digitação simultânea, assim, foram transcritas seis entrevistas (18:22, 20:10, 22:26, 45:42, 18:27, 20:37) totalizando a duração de 2h 25min 44 seg (144:64). Os sujeitos da pesquisa, conforme mencionado anteriormente, totalizam seis participantes, dentre esses, um professor e cinco professoras, atuantes na Educação Infantil, segmento pré-escola, na rede municipal de Ponta Grossa – PR, a fim de caracterizá-los, apresentamos o quadro a seguir:

⁵ A fim de respeitar os aspectos éticos da pesquisa, optamos em utilizar nomes fictícios para identificar o/as participante/s.

QUADRO 1 – INFORMAÇÕES PARTICIPANTES DA PESQUISA

PARTICIPANTES	IDADE / TEMPO DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO (ANO)	FORMAÇÃO CONTINUADA
Aline	24 anos / 06 anos	Pedagogia (2018)	Cursos ofertados na Organização do Trabalho Pedagógico
Bruno	27 anos / 03 meses	Pedagogia (2017)	Cursando Mestrado em Ensino de Ciências e Educação em Matemática
Cláudia	43 anos / 20 anos	Pedagogia (1999)	Pós-graduação em Neuropsicopedagogia / cursando Mestrado em Tecnologia e Ciências / Curso Conexão (PR)
Daiana	35 anos / 10 anos	Pedagogia (2011)	Pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Especial
Elaine	31 anos / 07 anos	Pedagogia (2014)	Pós-graduação em Gestão Pública Municipal
Fátima	35 anos / 13 anos	Pedagogia (2011)	Pós-graduação em Arte e musicalidade

Fonte: As autoras (2020).

Sendo assim, observamos que o/as participante/s possuem a graduação de Licenciatura em Pedagogia, apenas a Aline não possui nenhuma especialização, mas afirma que participa de reuniões e cursos ofertados em seu local de atuação, que busca a formação continuada. Outra informação importante observada nesse primeiro momento é referente ao tempo de atuação, a maioria dos participantes atua há anos, apenas o Bruno atua há três meses, e é o único homem participante da pesquisa. Por fim, ressaltamos que as análises foram realizadas a partir dos discursos apresentados pelo/as participante/s ao realizarmos a seguinte pergunta: “Você acredita que o fato de você ser mulher ou homem interfere de alguma maneira em sua profissão/trabalho docente?”.

Ser homem e ser mulher na Educação Infantil: uma análise de discursos

Historicamente, o magistério transformou-se em trabalho de mulher, “feminização do magistério”, pelo fato da urbanização e industrialização ampliarem as oportunidades de trabalho para os homens. Essa mudança foi um processo de muitas resistências e críticas, o que hoje parece “natural” foi alvo de muita polêmica (LOURO, 2004). A respeito da naturalização com que é vista a feminização da profissão docente, retomamos os apontamentos de Louro (1997) ao destacar que as instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, ou seja, ao mesmo tempo em que “fabricam” gênero, podemos

dizer que elas também têm gênero.

No discurso da professora Elaine destaca-se que: “... acho que desde quando eu era criança sempre eu via né que tem mais professora [...]”, a escola é percebida como feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres em que elas são as professoras e a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas. Essa perspectiva da docência feminina está tão naturalizada que em muitos momentos, deixam poucos espaços para se buscar outras formas de pensá-la e para questionarmos os processos que a constituíram dessa maneira. E aqui o discurso assume um papel predominante, pois é por meio dele que se constroem e se mantêm regimes de verdade e se fabricam os sujeitos, determinando por meio das práticas discursivas aquilo que pode ser dito e que pode ser feito por homens e mulheres. Ao estarmos envolvidos em um conjunto de práticas discursivas, nosso posicionamento ajuda a legitimar e redirecionar os regimes de verdade, no caso de nossas análises, quando o posicionamento dos sujeitos é o de não questionamento do porque desde pequena sempre viu mais professoras, acaba reforçando os regimes de verdade.

Na era medieval o papel educativo era predominantemente masculino, pois o professor era o detentor do saber e responsável pela formação intelectual do aluno e assim, tinha prestígio em sua profissão docente. Porém, quando o cuidado começa a permear o espaço educativo, especificamente, quando a ideia de uma educação voltada para crianças pequenas passa a existir, o cenário se modifica, e as mulheres adentram a profissão docente por meio de mudanças políticas, econômicas e sociais, mas também, porque ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir/educar as crianças era tido como missão e se reconhecia isso como vocação feminina, entretanto, era visto com certo desprestígio (ALMEIDA, 1996).

Rosemberg (1999) destaca que a Educação Infantil, incluindo tanto o segmento creche como também pré-escola, é uma atividade vinculada à produção humana, considerada do gênero feminino por estar associada à vida reprodutiva, e exercida por mulheres, realidade que se difere de outros níveis educacionais. Considerando tais apontamentos, Finco (2010) ressalta que as marcas da maternidade são fortes na Educação Infantil, justamente pelo fato de que se pensava que as mulheres tinham o instinto maternal, porém, ao perceber a presença masculina na docência dessa etapa, percebeu-se que tal função/profissão não é uma prerrogativa das mulheres, pois, entendeu-se que

existem diversas formas de cuidar e educar exercidas por homens e mulheres.

Além disso, Carvalho (1998, p. 04) corrobora com tais apontamentos, ao abordar que:

Podemos afirmar que hoje, na prática escolar em nosso país, predomina uma visão maternal e feminina da docência no Curso Primário, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente aqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica o conhecimento científico. Não se trata aqui de estabelecer uma hierarquia de valor entre esses aspectos, uma vez que todos eles são constitutivos do trabalho docente, embora socialmente sejam valorizados diferenciadamente [...]

Hoje são evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas (SAYÃO, 2005), como percebemos no discurso da professora Aline: “[...] eu acho que o homem ele ainda tem aquele preconceito da questão do trocar que não pode principalmente com os pequenos, que o homem ele ainda tem uma limitação [...]”. Aqui podemos notar o efeito da prática discursiva sobre os sujeitos, pois os discursos produzem sujeitos e incutem nesses indivíduos enunciados de acordo com uma vontade de poder que impera na sociedade, nesse caso, a professora produziu esse discurso de que professor homem não pode realizar a higiene de crianças pequenas, a partir de outros discursos e práticas discursivas que ela vivenciou em sua trajetória, aqueles elencam o regime de verdade, ou seja, os discursos seguem relações já postas pelos saberes e instituições.

Os cuidados com o corpo infantil foram atributos das mulheres, sendo que a proximidade de um homem com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005), o que aparece no discurso do professor Bruno: “[...] mas eu sei que eu tenho que tomar muito cuidado com o que eu falo, com o que eu faço, para que não cause estranhamento”. Podemos perceber que esse professor apresenta um discurso de vigilância, controle e punição, de si mesmo, tecnologias de si, pois ele é um corpo estranho masculino, num ambiente que tem regras discursivas femininas, assim busca performar de modo a não ser punido.

A vigilância quando abordada por Foucault é tratada como uma grande tecnologia

disciplinar, um instrumento do poder, a qual monitora, distribui tempos e espaços para controlar processos e condutas de forma mais ampla e minuciosa possível. Conforme nos aponta Bujes (2001), a vigilância se dissemina pelo corpo institucional, ela não precisa ser contínua, mas ela pode ocorrer aleatoriamente e mesmo assim, reforçar seus efeitos, sem recorrer à força, nessa estratégia de poder, o indivíduo vigia a si próprio e se torna sujeito da própria sujeição. No discurso do professor Bruno, as tecnologias do eu são tecnologias relacionadas à vigilância, que se torna presente em sua prática pedagógica, pois ele declara que precisa estar atento às suas falas e atitudes, mesmo que ninguém esteja lhe dizendo isso, ou lhe coagindo o tempo todo, fato que ocasiona uma mudança de comportamento, para se adequar às normas fixadas pelo poder, a partir do governo de si.

A vigilância que paira sobre o homem que atua na educação de crianças pequenas também pode ser percebida em outras pesquisas, mesmo que o professor Bruno não relate em seu discurso, Cruz (1998) citado por Finco, Silva e Drumond (2011) enfatiza que, quando os homens se dedicam ao trabalho educativo de crianças eles passam a ser suspeitos, no que diz respeito à sua identidade masculina e à sua moralidade, tornando-se algo bastante ambíguo e contraditório, pois quando o homem demonstra mais sensibilidade questiona-se sua sexualidade, ou ainda, surge a desconfiança de que pelo fato de ser homem ele pode cometer algum abuso sexual.

No discurso de duas professoras, ambas afirmam que o fato de ser mulher não interfere no exercício da profissão docente, para elas tanto homens como mulheres possuem a mesma capacidade para atuar. Porém, a professora Elaine relata que “[...] atualmente a gente vê que tem bastante professor atuando tanto na Educação Infantil como no Fundamental”. Enquanto a professora Daiana contrapõe essa informação ao destacar a diferença no que se refere às quantidades: “[...] a profissão de professor dentro da Educação Infantil são poucos que eu conheço são uns três ou quatro, PENSE⁶ numa rede né...”. Os dados da Educação Básica brasileira obtidos por meio do Censo Escolar 2016 (AZEVEDO, 2017) revelam que existem cerca de 575 mil docentes atuantes na Educação Infantil, desses 554 mil são mulheres e apenas 21 mil são homens, o que nos leva a perceber que a presença masculina na Educação Infantil está em torno de 12% , isso significa que

⁶ A fim de ressaltar a ênfase de expressão dada durante a fala do/das participante/s, optamos por utilizar caixa alta em algumas palavras, embasadas em Marcuschi (2003), que propõe a utilização de alguns sinais na transcrição das entrevistas, para preservar ao máximo a fala própria dos sujeitos considerando entonações, ênfases, pausas, indagações entre outros.

ainda temos uma baixa atuação de professores homens na Educação Infantil.

A ação dos discursos enquanto prática, como concebido por Foucault, define, molda e posiciona os sujeitos, elencando o que ele é, o que ele pode ou não fazer, onde pode ou não estar. Portanto, o baixo número de professores homens se dá pelo fato de que os discursos, a respeito da docência na Educação Infantil, determinam que aquela é um papel feminino, logo ela se materializa enquanto campo de atuação feminina. A compreensão ultrapassa os limites da escola e pode ser vista e/ou percebida na sociedade e na própria família

Se a presença masculina na educação infantil ainda é vista com estranhamento, principalmente quando se têm homens como profissionais docentes nas creches e/ou pré-escolas, o mesmo ocorre quando pais, tios, avôs ou outra figura masculina levam meninos e meninas para esses espaços. [...] A imagem da mulher como precursora do cuidado e da educação de meninos e meninas é ainda existente, e isso é visto como papel exclusivo dela, numa sociedade machista e colonialista, na qual vivemos imersos em costumes ditos como tradicionais (geracional), e preconceitos ditos como normais (FINCO; SILVA; DRUMOND, 2011, p. 64-65).

Não há nenhum aspecto biológico que paute essa crença de que apenas as mulheres estão aptas aos cuidados e educação da criança pequena, pois, não há um saber natural das professoras, pelo contrário, todo conhecimento mobilizado foi construído e aprendido socialmente, lembrando que, numa perspectiva histórica,

“[...] as bonecas são brinquedos oferecidos principalmente às meninas, e ainda persiste a valorização distinta do feminino e do masculino, por que as meninas é que são consideradas a atribuir sentimentos às bonecas e às pessoas (FINCO, 2003, p. 56)”.

Diante disso, retomamos a importância e força que os discursos têm para Foucault, afinal, para ele os discursos estão relacionados à vontade de saber e poder, portanto, o discurso não traduz simplesmente as lutas ou sistemas de dominação, mas sim, “aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10), dessa forma, ao trazermos as discussões de gênero acerca da profissão docente, estamos buscando inverter a ordem de determinado discurso posto como verdadeiro, promovendo outros discursos dos quais desejamos nos apoderar e que possibilitem outras verdades.

Cabe destacar a necessidade de analisarmos esses discursos de professor e professoras da Educação Infantil, para estarmos com olhares mais atentos a essa questão

de gênero e até mesmo, sobre os discursos que produzimos e também os que produzem os nossos. Ainda que pequeno o número de professores homens na Educação Infantil, precisamos salientar que um espaço onde existam pessoas trans*⁷, mulheres e homens, enquanto profissionais docentes, de crianças pequenas, se torna um ambiente rico, pois nele estarão presentes diferenças e diversidade. Nesse sentido, é válido salientarmos que a ordem do discurso que sustenta o regime de verdade, de que apenas as mulheres podem atuar na Educação Infantil, está se invertendo e possibilitando a circulação de novos discursos, que geram novas práticas. Afinal, mesmo que ainda baixa a quantidade de professores homens atuando nessa etapa da educação, vimos por meio das pesquisas mencionadas, que a presença da docência masculina na Educação Infantil vem crescendo e fazendo com que novos discursos circulem.

O discurso do professor Bruno traz a importância e desafios que enfrenta como homem docente na Educação Infantil “... eu sei que causa um estranhamento porque a gente tem uma cultura é... Feminina no magistério na Educação Infantil então se você vê um homem é diferente [...] a gente tenta desconstruir uma imagem bem patriarcal machista que existe né, de que só a mulher pode exercer a profissão docente, mas infelizmente isso está MUITO presente”. A partir desse discurso, compreendemos que os objetos do mundo social são discursivamente construídos, o enunciado de uma cultura machista acerca da docência se evidencia nos discursos apresentados, mas, conforme Foucault destaca, os enunciados estão relacionados a um lugar, à uma época, à uma condição, a um papel. Nessa perspectiva, Foucault enfatiza que os discursos estarão relacionados aos enunciados vigentes em determinado contexto, não são atemporais. Cabe destacar que percebemos como os regimes de verdade dominante atuam a partir do discurso do professor, pois, ao operarem na naturalização de que a docência na Educação Infantil é feminina, acaba engendrando uma forma de compreensão que circunscreve um entendimento como adequado e/ou natural, assim, buscam formas de coerção para mantê-los e impedir que outras verdades sejam dominantes.

Há discursos e até mesmo, práticas discursivas, atitudes preconceituosas e normatizadoras, quando se trata da atuação de mulheres em campos masculinizados, ou a atuação de homens em campos feminizados, ou seja, ainda há uma lógica binária que paira

⁷ Letícia Nascimento descreve que a palavra pessoas trans * abarca uma série de identidades não cisgêneras, como transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias (p. 18, 2021)

sobre as práticas sociais e educativas, em que se valorizam de forma diferente as distintas feminilidades, masculinidades ou as performances não binárias.

Considerações Finais

Os discursos que circulam entre o/as professor/as a respeito de ser homem e mulher na docência da Educação Infantil são normatizadores e reforçam a ideia da docência nessa etapa da educação como atividade feminina, pois elencaram que professor homem não pode realizar a higiene de crianças pequenas e que é preciso que tomem cuidado com suas falas e ações, uma vigilância de suas práticas, controle e punição de si mesmos para os docentes homens.

Nesse sentido, percebemos a presença de um regime de verdade nos discursos, de que apenas as mulheres, e podemos acrescentar mulheres cisgêneras são legitimadas a atuar na Educação Infantil. Mas, conforme apontam outras pesquisas como as de Sayão (2003, 2005), e Finco (2004, 2010) a presença de professores e do professor Bruno no contexto da Educação Infantil, representa uma inversão desses discursos, pois, mesmo que em menor quantidade de professores homens atuando nessa etapa da educação, a presença da docência masculina na Educação Infantil vem crescendo e fazendo com que novos discursos circulem.

Para pesquisas futuras, apontamos a necessidade de se compreender os discursos que circulam entre docentes na Educação Infantil (segmento pré-escola) de diferentes identidades de gênero, raça, etnia, classe social, o que pode ampliar a rede discursiva, produzir verdades plurais e a subversão de discursos.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 96, 71-78, fev./1996.

AZEVEDO, Guilherme. Educação Infantil é lugar de homem? Eles mostram que sim. 02 set. 2017. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/09/02/educacao->

[infantil-e-lugar-de-homem-eles-mostram-que-sim.htm](#)>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406-422, set./1998.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. A generificação da docência na Educação Infantil: desconstruindo lições presentes em livros de formação de professor/as. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas: Leitura Crítica, 2015, p. 95-114.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **PROPOSIÇÕES**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem e mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

FINCO, Daniela. Educação Infantil, Gênero e Brincadeiras: das naturalidades às transgressões. **Anais da 28ª Reunião anual da Associação Nacional de Pesquisas em Pós-Graduação em Educação – ANPED**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/biblioteca/item/educacao-infantil-genero-e-brincadeiras-das-naturalidades-transgressoes>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras do gênero**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FINCO, Daniela; SILVA, Peterson Rigato; DRUMOND, Viviane. Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero. In: SILVA, Adriana (et al.). **Culturas infantil em creches e pré-escolas – estágio e pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FINCO, Daniela. Encontro com as diferenças na educação infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p. 169 – 184, nov/2013.

FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia; FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica: Associação de leitura do Brasil- ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas- FCC, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa CEDES**, Rio Grande do Sul, v. 114, p. 197-223, nov./2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres. In: **História da Sexualidade**, vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 11 nov. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Maria Cristina A.; UNBEHAUM, Sandra G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 7. ed. p. 443-481.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**: Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

PARÁISO, Marlucy Alves. Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARÁISO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em**

educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-45.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 107, p. 7-40, jun./1999.

SAYÃO, Deborah Thome. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos e meninas? Algumas questões para pensar as relações de gênero na infância. **Pro-Posições**. Campinas, vol. 14, n. 3(42), 2003.

SAYÃO, Deborah Thome. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José Gonçalves; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.79-91.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n.33, p.265-283, jul./dez. de 2009.